

Resenhas

SANTOS, Miriam de Oliveira. *Bendito é o fruto: Festa da uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2015.

O livro *Bendito é o fruto* é resultado da tese de doutoramento, em Antropologia, defendida por Miriam de Oliveira Santos, no ano de 2004, no Museu Nacional – UFRJ. Com enfoque etnográfico e histórico, a pesquisa se desenvolveu na cidade de Caxias do Sul, situada na região serrana do estado do Rio Grande do Sul. A cidade possuía, na época da pesquisa, cerca de 360 mil habitantes, sendo 92,5 % de população urbana e 7,5 de população rural (p. 7).

Esta região foi berço das primeiras colônias de imigração italiana do estado. Foi ali que, desde 1875, levas de famílias de imigrantes italianos foram conduzidas para se tornarem proprietárias de terras e desenvolverem um projeto colonizador no Rio Grande do Sul. Em sua maior parte oriundas do Norte da Itália, trouxeram para a região hábitos, costumes, valores, técnicas, saberes e objetos da Itália do final do século XIX. Dentre estes conhecimentos estava o cultivo das videiras e a produção de vinhos.

A comemoração desta festa, segundo a autora, começa no ano de 1931, época na qual já havia geração de descendentes de italianos nascidos em solo brasileiro. E, como ressalta Seyferth (no prefácio da obra), a Festa da Uva comemoraria o “sucesso de uma atividade

econômico-culturalmente valorizada, o plantio da videira, a colheita da uva e a produção do vinho”. Esta festa, como salienta Santos na obra, é a comemoração de um projeto migratório considerado de sucesso e continuamente lembrado e exaltado pelos descendentes de italianos da região. Diria que, igualmente, poderia ser considerada como um símbolo do processo civilizador que os descendentes de imigrantes italianos atribuem a seus antepassados, os denominados pioneiros.

A história da Festa na cidade dialoga com a história da colonização italiana na região. Muito bem analisada pela autora, que nos brinda com uma perspectiva histórica bem delineada, a cidade se industrializou e cresceu economicamente, graças às negociações bem direcionadas junto aos governos estadual e federal pelas lideranças locais. Como aponta a autora, a formação de uma elite que assim se autoconsiderava e era considerada pelos demais membros, esteve presente nas construções hierárquicas e simbólicas locais. E foi ela quem projetou, de certa forma, o que Caxias viria a se tornar décadas mais tarde, como cidade e como espaço e espelho da imigração italiana para o Rio Grande do Sul.

Resenha

SANTOS, Miriam de Oliveira. *Bendito é o fruto*: Festa da uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos.

Maria Catarina Chitolina Zanini

Embora não trabalhando diretamente com a noção de grupo étnico, a autora, baseada em Barth,¹ aponta o quanto as identidades locais são estabelecidas nos processos interativas de construções das fronteiras de pertencimento entre italianos e não italianos. A cultura, compreendida como um elemento dinâmico e mutável, faria parte deste processo de construção de uma italianidade local. Nesta, segundo Santos, baseada em Hall,² seria uma forma de reação à “homogeneização imposta por padrões sociais dominantes” (p.30). No caso, o brasileiro do sul do Brasil. Dessa forma, acertadamente a autora toma de empréstimo uma ideia de Seyferth, que aponta o quanto a imigração é um processo que envolve dois Estados e três culturas, ou seja, a cultura do país de origem, a do país de acolhida e uma terceira, nascida do encontro das duas primeiras.

A Festa da uva, nesta perspectiva, historicamente se converte em uma forma de evidenciar a alteridade, via italianidade, frente à sociedade regional, bem como afirmar valores e éticas no interior do grupo. Seja pela forma como é organizada e pelas simbologias que apresenta em seus desfiles, temáticas e exposições, a Festa exalta o passado, transformando estigmas, como a aponta a autora, em sinais positivos.

Um dos sinais diacríticos – mais importantes e invocado pelos descendentes, por meio da festa da Uva - seria o trabalho como valor e como mecanismo de ascensão social. O emigrado italiano, o antepassado, seria aquele pioneiro que foi para a região e a engrandeceu e enriqueceu com seus valores e força de trabalho. Foi um produtor de riquezas. Ele seria um elemento civilizador por excelência nesta conjuntura. E, na conjuntura brasileira historicamente também. De certa forma, é para esta ideia que a autora nos aponta. Ou seja, o quanto a Festa da Uva é um evento exaltador das virtudes dos descendentes de italianos em comparação com as demais etnias existentes em nível local.

Para apresentar este seu argumento a autora traz um desenho histórico das diferentes edições da Festa e aponta para esta como um importante elemento político local. Diz Santos: “O que remete para o fato de que as relações simbólicas são permeadas pelas relações de poder, e acreditar que a Festa da Uva é apenas uma reminiscência folclórica é escamotear um dado fundamental para o seu entendimento, que é o caráter político da festa e o da sua organização” (p.67).

Além destas questões, por meio da apresentação de dados etnográficos relativos à preparação da festa e suas negociações, a autora constrói a ideia de que a Festa da Uva é atravessada

Resenha

SANTOS, Miriam de Oliveira. *Bendito é o fruto*: Festa da uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos.

Maria Catarina Chitolina Zanini

por fatores religiosos, econômicos e políticos que se mesclam (p.105). Dessa mescla se pode observar o quanto há, como apresentado na obra, a construção e afirmação de um tipo ideal. Por meio de imagens, narrativas e construções imaginárias este tipo ideal de italiano e de homem aflora na Festa. Ele é a vitrine da colonização italiana na região. Nesta, haveria espaço para o trabalho, a religiosidade e a família como valores imperantes. Seriam modelos - construídos pelas memórias, presentes nos processos de identificação étnicas contemporâneas - como fontes de origem grupal.

No capítulo IV a autora apresenta a Festa da Uva do ano de 2002 em sua *performance*, narrando sua abertura, desfiles, jantar e baile, bem como o espaço dos pavilhões. A festa é apresentada como um drama que se desenrola em diferentes espaços e momentos, tendo sempre como eixo o poder nelas manifesto, o de reverenciar uma construção identitária idealizada.

Para reforçar este seu olhar, a autora descreve em detalhes as diferentes etapas/momentos da Festa da Uva de 2002 que tinha como tema “a mulher”. E, sintetiza, por meio de uma citação de Segalen,³ o que, segundo ela, seria a síntese e função da Festa que serviria como “suporte aos poderes políticos locais que se

valorizam por meio de mais de uma encenação”.

Embora eu não concorde com o tamanho da ênfase que a autora atribui a este aspecto político, concordo que é ele que, na linha de frente, manifesta-se mais publicamente. Observo, contudo, que outros elementos também estão presentes na dramatização histórica encenada, como o reforço ritual de valores grupais importantes, tais como: da família enquanto unidade produtora e reprodutora econômica e simbolicamente; do trabalho enquanto valor e da religiosidade como ferramenta de superação e ordem de mundo, entre outros.

Em suma, trata-se de um belo e consistente trabalho de pesquisa, sério, bem estruturado e que faz uma leitura política interessante para se pensar questões que, muitas vezes, são colocadas em lugares menos densos da vida social, mas não menos importantes, como as Festas, por exemplo. Em resumo, Santos nos diz que a Festa da Uva é um espaço de poder (ou poderes, diria eu). O poder de ser visto e de se fazer ver.

Maria Catarina Chitolina Zanini
Universidade Federal de Santa Maria

Resenha

SANTOS, Miriam de Oliveira. *Bendito é o fruto*: Festa da uva e identidade entre os descendentes de imigrantes italianos.

Maria Catarina Chitolina Zanini

-
- ¹ Frederik BARTH. “Os grupos étnicos e suas fronteiras”. In: Tomke LASK. (Org). *O guru, o iniciador e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2000, pp .25-67.
 - ² Stuart HALL. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
 - ³ Martine SEGALÉN. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p.104.